

A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Anne Cristina Camilo de Oliveira¹

Dulciane da Costa Lustosa²

Lilian Jaqueline de Oliveira Souza Ribeiro³

RESUMO: A partir da definição de experiência estética como um processo de formação humana para a transformação das relações sociais, através de uma percepção profunda da realidade, este trabalho é o resultado de estudos realizados e desenvolvidos numa instituição pública de educação infantil de Goiânia. Concebemos a criança como sujeito de direitos, pois ela está na história e faz a história, numa relação dinâmica de produção dos saberes. Percebemos que a arte ainda é tratada de forma instrumental, numa versão escolarizada, que não atende aos anseios de estímulo e desenvolvimento do processo criativo. A Arte produzida nas instituições educacionais, sejam elas de educação infantil ou ensino fundamental, pautam-se em atividades estereotipadas ou focalizadas no produto final. Perceber a criança na sua totalidade, considerando o universo cultural, social, político e econômico de cada uma, reconhecendo que ela tem formas próprias de se relacionar como o mundo físico e social (sujeitos, valores, fatos, natureza, objetos), tornando-a produtora de cultura específica, capaz de confrontar a realidade, por vezes massacrante e cruel, é o objetivo deste trabalho. Por este motivo, temos como objeto de investigação as experiências estéticas das crianças e suas relações com o conhecimento apreendido sobre o mundo, a natureza e a cultura. A sociedade é dinâmica, mutável, histórica e socialmente construída. Para que possamos compreendê-la e transformá-la, não podemos seguir um caminho neutro e arbitrário e sim analisá-la numa perspectiva dialética. Trata-se do materialismo histórico dialético que nos ajuda a interpretar a realidade buscando compreender o mundo real, investigando a essência dos fenômenos em sua totalidade, contradição e práxis. O referencial teórico apresentado nos ajuda, portanto, a superar o caráter fragmentado da produção do conhecimento proposto pela metafísica, que analisa o fenômeno isolado da história, de forma linear, lógica e harmônica, como se todos os fenômenos sociais fossem naturais. Compreender os fatos mantendo uma postura crítica e consciente diante da realidade social, objetivando transformá-la é condição *sine qua non* para uma investigação fundamentada no materialismo histórico. Como metodologias foram utilizadas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, pois o objeto foi observado no próprio ambiente.

Palavras-chave: criança, estética, arte

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objeto de investigação a experiência estética na educação infantil e sua relação histórica e social com o mesmo, na tentativa de perceber de maneira intrínseca a realidade existente. Duarte Junior (apud BARBIERI, 2012, p. 37) afirma que “é preciso compreender que a evolução estética não se refere apenas e necessariamente à arte; refere-se também à integração mais intensa e profunda do pensamento, do sentimento e da percepção”. Nesse sentido, a busca pela educação da criança na sua totalidade e subjetividade, transformando-a num ser capaz de interagir com o objeto, mantendo uma relação não só de

¹ Aluna do curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. acamilodeoliveira@gmail.com.

² Aluna do curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. dulcelustosa2015@hotmail.com.

³ Aluna do curso de Especialização em Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. lilianjaq@gmail.com.

contemplação do belo, mas também de profunda percepção, ampliando nesse momento, o seu olhar sobre o mundo, a natureza e a cultura é o objetivo deste trabalho.

De acordo com o documento *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças* (BRASIL, 2009), produzido pelo MEC, todas as crianças têm o direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão, pois entendemos que a infância ao ocupar o espaço categoria social, levou a criança, na sua relação com a sociedade, ao status de sujeito de direitos. Nessa perspectiva, não existe só uma infância, mas diferentes infâncias, situadas em tempos e espaços diferentes, constituindo-as em seres produtoras de cultura.

Situamos também o presente trabalho no tempo histórico do ensino da arte, visto como “a cereja que enfeita o bolo: atraente, mas dispensável.” (ALBANO, 2013), durante décadas. A partir dos anos 80, o cenário começou a mudar, porém, com pouco impacto, uma vez que ainda vemos nas práticas pedagógicas em artes nas instituições de ensino, atividades pouco significativas, carregadas de estereótipos, almejando não o processo, mas o produto final do trabalho. O processo criador, a imaginação, o estímulo, a criatividade fica em segundo plano, pois esbarra na formação deficitária do professor em artes, bem como nas políticas educacionais que insistem em tratar a arte como algo irrelevante. Além, disso, é papel do professor de educação infantil proporcionar atividades que “ampliem, diversifiquem e complexifiquem” (GOIÂNIA, 2014) as vivências das crianças nas instituições. Pensar em ações que impliquem na “totalidade do olhar, da escuta, do movimento” (OSTETTO apud SANTOS, 2013), resgatam aquilo que nós humanos temos de mais precioso, o sentir. Dessa forma, estaremos educando a criança ajudando-a no processo de interação entre o ser e o objeto, pois o objetivo da arte é desenvolver a leitura reflexiva e crítica do mundo, através das diferentes linguagens artísticas.

Observar a realidade, analisá-la e agir sobre ela, essa é a grande premissa do materialismo histórico dialético. Para Marx e seus seguidores, os fatos sociais não existem por si só, pois não existe uma linearidade, uma homogeneidade na sociedade. Uma pesquisa que tem como base o método dialético assume seu caráter filosófico, pautado na totalidade, na contradição, na práxis. Assim, o presente trabalho utilizou a abordagem sócio-histórica, na qual vê “a reciprocidade sujeito/objeto eminentemente como uma interação social que vai se formando ao longo do tempo histórico”. (SEVERINO, 2007, p. 116), numa duplicidade de relações, que levam a compreender os comportamentos dos sujeitos, as crianças e suas interpretações, sentimentos e emoções com o objeto pesquisado, no caso a experiência estética.

As vivências estéticas aliadas à curiosidade, ao fazer pedagógico e à pesquisa contribuíram para a construção e o desenvolvimento desta experiência didática, realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil em Goiânia. Pela observação das sensações e emoções expostas pelas crianças, concluímos que a arte na educação infantil é de extrema importância, pois tem o poder de ampliar o olhar da criança em relação ao mundo que a cerca,

2. OBJETIVO GERAL

Criar possibilidades para que as crianças experimentem diferentes sensações, ampliando dessa forma a experiência estética de cada uma, estimulando a imaginação e o potencial criador, visando o desenvolvimento artístico.

3. METODOLOGIA

O presente estudo tem como objeto de investigação a experiência estética na educação infantil. Utilizamos nessa pesquisa uma metodologia pautada no materialismo histórico-dialético, pois a realidade não ser apenas analisada, mas uma construção histórica e social do objeto. Assim, é necessário identificar suas nuances para interpretar os fenômenos observados. E as crianças não estão à margem dessa história, pelo contrário, elas são sujeitos desse processo.

Realizou-se assim uma pesquisa em duas fases. A primeira bibliográfica, a fim de analisar as diferentes abordagens sobre o assunto, pois necessitávamos dados teóricos a respeito do assunto e a esse tipo de pesquisa nos ajuda na investigação do tema, uma vez que ela “utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas”. (SEVERINO, 2007, p. 122), na segunda parte do trabalho, foi realizada a pesquisa de campo, para analisar o objeto em todas as suas especificidades, pois o “objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio”. (SEVERINO, 2007, p. 123), levando a uma imparcialidade por parte do pesquisador, pelo fenômeno estar sendo investigado no seu espaço.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

A infância entendida como categoria social, levou as crianças ao patamar de construtores sociais e culturais, uma vez que estão inseridas na sociedade, vivenciando todos os seus problemas e contradições. Garantir direitos que até então não existiam na vida dos pequenos, foi o chamariz dos movimentos que discutiram o exercício da cidadania por parte das crianças, pois era necessário oferecer condições para que elas pudessem “exercer e

usufruir os seus direitos civis, humanos e sociais, tendo igualdade de oportunidade e garantia de um ambiente que promova o desenvolvimento integral desses sujeitos. ” (GOIÂNIA, 2014, 15). A partir dessa concepção de infância, entendemos que é direito das crianças terem acesso as múltiplas linguagens, numa perspectiva que possibilite o desenvolvimento de um fazer artístico crítico, criativo e autônomo.

As crianças não estão à margem da sociedade globalizada que massifica e aprisiona, pelo contrário, estão inseridas nela, por isso, devemos percebê-la na sua totalidade, considerando o seu universo cultural, social, político e econômico, reconhecendo que ela tem formas próprias de se relacionar com o mundo físico e social (sujeitos, valores, fatos, natureza, objetos), o que a faz produtora de uma cultura específica, capaz de confrontar essa realidade massacrante e cruel. No entanto, como levar a criança a produzir cultura? Compreendemos que é promovendo o seu encontro com códigos estéticos diferentes, objetos de arte, variadas linguagens artísticas, nas diferentes áreas: música, teatro, artes visuais, fotografia e tantas outras, pois é nessas relações com o fazer artístico seu e dos adultos, que o conhecimento em arte poderá ser tornar significativo.

A experiência estética nos desperta para o belo dentro de nós. É uma experiência de profunda percepção, e de certa forma, nos lembra de que somos seres humanos, pois desde quando nascemos, experimentamos cheiros, gostos, sensações, emoções, sons, temperaturas, texturas, imagens. Também faz com que transcendamos a realidade, de forma íntima, em que cada indivíduo vai construindo um universo de experiências. Sobre isso Barbieri (2013, p. 38) explica:

Às vezes, experiências estéticas muito remotas, nos remetem a outros momentos de nossa vida. Pessoas que viveram na roça, por exemplo, são levadas ao passado ao observar atentamente a cor da terra, o pôr do sol ou uma planta brotando. Essa experiência estética faz com que nossa linguagem seja mais ampla. Se observarmos as relações cromáticas dos objetos ou na natureza, temos recursos mais precisos para percebê-las. Se já usamos muitas cores, quando vamos usar determinada cor, sabemos mais dela. E é assim, também, com as palavras. As pessoas que conhecem muitas palavras e sabem o sabor de cada uma, quando falam, mostram sabores, que vão se articulando e criando um discurso poético. (BARBIERI, 2013, p. 38).

Esse foi o objetivo maior da nossa proposta de ação pedagógica, proporcionar as crianças, esse misto de vivências, experimentações, emoções que a experiência estética nos possibilita, e para isso, pensamos em atividades que despertassem nas crianças sensações diferentes, relacionadas ao sentido atribuído dentro do contexto histórico social do objeto, que estariam fora da realidade delas, levando-as a campos desconhecidos, distanciando de práticas pedagógicas estereotipadas, pautadas no produto final, sem preocupar com o desenvolvimento do potencial criador de cada sujeito.

5. CONCLUSÃO

Quando falamos sobre experiência estética no âmbito escolar as pessoas logo a associam ao ensino de artes, limitando e comprimindo todo o potencial de aprendizagem que a mesma pode proporcionar, pois a relação dialética entre a sensibilidade, as múltiplas sensações e impressões podem e devem ser exploradas em todas as áreas do conhecimento uma vez que, fazem parte do processo de formação de conceitos pelo indivíduo.

Com as crianças o processo não é diferente. Embora encontremos no caminho muitos outros obstáculos como: práticas pedagógicas “em artes” pouco significativas, carregadas de estereótipos, almejando não o processo, mas o produto final do trabalho, deixando em segundo plano o processo criador, a imaginação, o estímulo e a criatividade; a formação deficitária dos professores; bem como as políticas educacionais que consideram o ensino da arte como algo irrelevante; concomitantemente a esse processo, nossas crianças estão sendo bombardeadas pela mídia que, além de difundirem práticas consumistas, transformaram a arte em mera fonte de lucro, relegando-a a categoria de entretenimento.

O desenvolvimento de um trabalho consciente e comprometido possibilita o combate a esse círculo vicioso e interminável imposto pelos meios de comunicação de massa, onde as infinitas possibilidades ofertadas pelas experiências estéticas estimulam o processo de criação na criança. Através das artes, poderemos ampliar o potencial criativo, imaginário e sensível das crianças levando-as a uma experiência de profunda percepção, do mundo, das pessoas e até dos conhecimentos oferecidos a elas. Dessa maneira poderão transcender a realidade, de forma íntima, na qual cada indivíduo poderá construir o seu universo de experiências.

Compreendemos ser papel do professor da educação infantil proporcionar atividades que “ampliem, diversifiquem e complexifiquem” (GOIÂNIA, 2014) as vivências das crianças nas instituições de educação, pois através delas, a experiência estética entrará de vez no repertório pedagógico dos educadores que atuam em pré-escolas e centros de educação infantil.

Mediante os aspectos teóricos estudados concluímos que as vivências estéticas aliadas à curiosidade, ao fazer pedagógico e à pesquisa contribuíram para a construção e o desenvolvimento desta experiência didática, realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil em Goiânia. Pela observação das sensações e emoções expostas pelas crianças, pudemos compreender a importância da arte como possibilidade de transgressão do que nos

foi imposto, de construção de um conhecimento novo, de perpetuação dos sentidos. O contato com diferentes materiais e suportes, levou as crianças a experimentarem e experienciarem sentimentos variados, desenvolvendo a capacidade de se expressarem ao mesmo tempo em que ampliavam seu repertório imagético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBANO, Ana Angélica. Arte para o desenvolvimento integral. Entrevista- Cristiane Marangon. In: **Pátio – Educação Infantil**, ano XI, n. 37, out./dez.2013.

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção Interações)

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 2 ed. Brasília: MEC, 2009. 42 p.

GOIÂNIA. Secretaria Municipal de Educação. **Infâncias e Crianças em Cena: por uma Proposta de Educação Infantil para a Rede Municipal de Educação de Goiânia/Secretaria Municipal de Educação**. Goiânia: SME, DEPE, DEI, 2014. 233p. II.

SANTOS, Luciana Paiva dos. **A concepção estética do professor e as relações entre a arte e a produção artística da criança**. Goiânia. 2014. Disponível em: <gepcei.blogspot.com.br>. Acesso em 20 de julho de 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.